



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5774 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 22 - Educação Especial

## LITERATURA SURDA: PROPOSTA PEDAGÓGICA DESCOLONIZADORA EM SALA DE AULA

Larissa Gotti Pissinatti - UEM - Universidade Estadual de Maringá

Nerli Nonato Ribeiro Mori - UEM - Universidade Estadual de Maringá

### LITERATURA SURDA:

#### PROPOSTA PEDAGÓGICA DESCOLONIZADORA EM SALA DE AULA

A literatura surda é um fenômeno recente no Brasil tendo suas primeiras publicações em língua brasileira de sinais – LIBRAS, a partir de 1999, com as poesias de Nelson Pimenta, poeta surdo. No século XXI, mais precisamente em 2001, o primeiro livro impresso é publicado por Cláudia Bisol com o título *Tibi e Joca uma história de dois mundos*.

Os primeiros estudos sobre a literatura surda, são publicados no Brasil, a partir de 2006, com artigos da pesquisadora Lodenir Becker Karnopp. Os estudos das produções culturais do povo surdo, assim como, as produções de narrativas tanto em LIBRAS como em livros escritos em língua portuguesa, são impulsionadas e conquistam mais espaço na sociedade brasileira com o reconhecimento da língua de sinais como língua do povo surdo brasileiro com a lei 10.436 em 2002.

Segundo Karnopp (2006), a literatura surda manifesta as experiências e vivências do povo surdo e permite novas formas de representação do povo surdo. A literatura surda permite o desenvolvimento de um espaço em que pode re-significar sua forma de significar o mundo, valorizando as experiências visuais e a língua de sinais como base no desenvolvimento de sua interioridade e de suas práticas.

Para Strobel (2013) a literatura surda é um artefato cultural do povo surdo, parte de seus materiais culturais constituídos na comunidade surda. Ressaltamos aqui a diferença que Strobel (2013) apresenta sobre povo surdo e comunidade surda. Para a pesquisadora, povo surdo é um grupo, culturalmente constituído por sua condição audiológica, uso de uma mesma língua, unidos por objetivos que lhes são comuns e comunidade surda se caracteriza por pessoas que valorizam, acreditam e apoiam a causa do povo surdo e estão unidos à esse povo para contribuir na conquista de seus objetivos.

A literatura surda, portanto, não é exclusiva do povo surdo, mas conforme Mourão

(2011), tem como público alvo os surdos, é feita e pensada para eles, porém não se restringe a esse grupo linguístico-cultural podendo ser acessada também por ouvintes. Sobre essa questão, Mourão (2011, p. 73), afirma, “a literatura surda traz histórias de comunidades surdas, e essas histórias não interessam só para elas, mas para comunidades ouvintes, por meio da participação tanto de sujeitos surdos quanto de sujeitos ouvintes”.

Segundo Ladd (2013), as produções literárias dos surdos têm sua origem nos espaços escolares na Europa, em um período em que a língua de sinais não era reconhecida como língua de instrução e as línguas orais dos diversos países eram impostas no processo de ensino aprendizagem dos alunos surdos. Essa postura de imposição linguística em relação aos surdos, segundo o autor, pode ser comparada com o processo de colonização ocorrida no período de expansão comercial, negando a cultura, valores e língua de diversos povos.

Embora a maioria das pessoas conceba o colonialismo como estabelecendo-se em torno do poder econômico imposto em culturas menos capazes de se defenderem elas próprias, há que argumentar inegavelmente a favor do conceito de colonialismo linguístico e é este que possibilita o início de uma ponte entre os discursos das comunidades gestuantes e outras comunidades colonizadas (LADD, 2013, p. 18)

A colonização linguística é uma realidade quando se nega ou não se valoriza a língua de sinais. O Congresso de Milão, ocorrido em 1880, foi um marco nesse processo de colonização linguística e asseverou a imposição das línguas orais ao determinar que a utilização da língua de sinais, em sala de aula, ficaria proibida. As narrativas que surgem nesse contexto e após esse contexto, evidenciam a valorização da língua de sinais e as experiências visuais por parte dos surdos e propõem um novo olhar em relação ao povo surdo.

Esse contexto de produção literária em meio a um processo de colonização linguística e sua repercussão até os dias atuais, na forma de preconceito em relação ao surdo e a sua língua, nos permite aproximar a literatura surda da teoria dos estudos pós-coloniais e conceber a produção da comunidade surda – literatura surda – como uma produção descolonizadora de práticas ouvintistas e preconceituosas.

A teoria dos estudos pós-coloniais tem seu início no século XX com publicações que tratavam do processo de enfrentamento da colonização político-econômico-cultural buscando alternativas de resistência à negação dos valores, cultura e língua de povos dominados e oprimidos pelo poder colonialista. Segundo Bosi (2002, p. 134), a literatura, nesse contexto, torna-se uma estratégia de resistência ao poder colonial “ a resistência na literatura é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico”. Nesse sentido, a literatura é uma estratégia de descolonização do poder opressor e retomada da sua identidade, assim como dos valores culturais que foram negados com o processo de colonização. Nesse sentido, compreendemos que a literatura surda pode ser uma estratégia descolonizadora dos valores e preconceitos ouvintistas.

Para verificar os aspectos descolonizadores da literatura surda, utilizaremos a obra Patinho Surdo (KARNOPP; ROSA, 2011), apontando alguns elementos de resistência da obra.

A obra é uma adaptação do conto popularmente conhecido Patinho Feio. Justificamos a escolha da obra por se tratar de uma das primeiras produções de literatura surda com sua primeira impressão gráfica em 2005, trazendo vários elementos de resistência no decorrer da narrativa.

Uma das primeiras evidências encontramos na capa com o título Patinho Surdo; ao reescrever o título, os autores definem o foco da narrativa e o local de fala da personagem protagonista ao invés de feio é descrito como surdo. Ainda na capa podemos observar o patinho surdo sinalizando “eu te amo” em LIBRAS, evidenciando que a personagem principal faz uso e se sente pertencente à comunidade surda. Esse sinal “eu te amo” é muito utilizado na comunidade surda para indicar pertencimento e identificação com elementos da cultura surda.

O enredo trata da experiência de um patinho surdo que nasceu em um ninho de cisne ouvinte por engano. Sua mãe, a pata surda, foi passear na lagoa quando sentiu cólicas e teve que deixar seu ovo em um outro ninho.

Observe a figura 1, a seguir:



Figura 01 – Patinho sinalizando no ninho  
Fonte: Karnopp e Rosa (2011, p. 19).

O patinho surdo ao nascer no ninho sinaliza “Oi, mamãe! Oi, papai!. Os cisnes ficaram assustados” (KARNOPP; ROSA, 2011, p. 19). Ao nascer sinalizando, o patinho afirma sua identidade empoderando-se de sua língua natural; também é possível observar na ilustração que o patinho surdo sinaliza em LIBRAS surdo, demarcando sua condição e identidade, demandando atenção à sua diferença linguística.

Outro elemento de resistência é o isolamento do patinho surdo ao receber os primeiros ensinamentos dos pais cisnes ouvintes, cantar: “[...] os pais ensinavam os filhotes a cantar. Mas o patinho surdo não cantava, e por isso, resolveu passear sozinho pela lagoa” (KARNOPP; ROSA, 2011, p. 21). Ser um cisne não é objeto de desejo do patinho surdo. Ao isolar-se o patinho surdo evidencia o valor da língua de sinais e apresenta uma crítica em relação a história da educação dos surdos que tiveram sua língua negada por conta da metodologia oralista.

Nessa perspectiva, Ngugi (1986), afirma que a língua determina uma forma específica de relação com o mundo, está ligada a história e a formação do interior de cada um. O patinho

surdo ao negar querer ser um cisne, convida o leitor a lançar uma nova forma de perceber o sujeito surdo.

A resistência também pode ser observada no momento final da narrativa em que o patinho surdo encontra sua família e a mãe pata solicita a ajuda do sapo-intérprete para mediar a comunicação entre ela e a mãe cisne ouvinte: [...] Contrataram o sapo-intérprete e foram todos até o ninho do cisne. Chegando lá, uma longa conversa aconteceu, e todos entenderam o que havia acontecido” (KANOPP; ROSA, 2011, p. 27). A figura do sapo – intérprete contrapõe o que costumamos ver nos contos infantis: sapo como uma figura enfeitiçada e ligada ao mal. A figura do sapo-intérprete convida o leitor a olhar para as especificidades da comunidade surda. É uma figura contestadora e “re-historicizada por meio da narrativa” (BHABHA, 1998), convidando a olhar o povo surdo de outra forma.

As evidências de resistência apontadas nos permitem considerar o caráter descolonizador na narrativa, lançando o leitor a refletir sobre o surdo e sua história, seus desejos, o valor de sua língua e sua forma específica de ser e pensar, ou seja, perceber e valorizar sua diferença.

A literatura surda permite ao leitor realizar uma experiência estética descolonizadora. Segundo Mignolo (2014), os conflitos entre opressor/oprimido; colonizado/colonizador, imprimiu na sociedade a possibilidade de considerar o estético nas produções dos mais diversos grupos culturais. Isso porque, o estético dos grupos minoritários e excluídos que antes não estavam nos padrões da arte européia, puderam, a partir do conflito da lógica da colonialidade e da reflexão das desigualdades das relações entre colonizado/colonizador, produzir uma arte questionadora dos valores impostos e também evidenciar valores e diferenças próprios de seu grupo cultural.

Para Mignolo (2014), o processo de uma estética descolonizadora consiste em mostrar o que foi negado pelo colonizador e assim evidenciar as diferenças presente no outro excluído e colonizado.

A experiência estética descolonizadora pode ser praticada em sala de aula no contato com a literatura emergente, não somente a literatura surda, mas indígena, africana, dentre outras. Isso porque, encontramos nessa literatura evidências dos valores linguístico-culturais desses povos e a afirmação das suas diferenças, conduzindo o leitor à novas perspectivas em relação ao outro, possibilitando assim, um processo descolonizador dos preconceitos construídos e práticas excludentes.

A literatura surda contribui no processo de formação e de desenvolvimento da identidade do povo surdo por meio da experiência estética, por meio do qual é possível refletir sobre si mesmo e o outro.

Conforme Cosson (2016), a experiência estética é uma prática possível em sala de aula utilizando estratégias de leitura e contato com a obra. Para Cosson (2016),

[...] Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e expressar o mundo por nós mesmos. É isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos [...] (COSSON, 2016, p. 17).

A experiência estética com a literatura é o encontro da obra com o leitor; a reflexão e a expressão de si mesmo. Ela possibilita o encontro e a identificação com elementos que são parte de si mesmo e o contato com a diferença, contribuindo “[...] para formar culturalmente o indivíduo [...]” (COSSON, 2016, p. 20).

A formação cultural do indivíduo é possível por meio da literatura, pois por meio dela é possível ocorrer um processo de identificação cultural. Como afirma Karnopp (2006), a literatura surda permite novas representações para o povo surdo e afirmação de uma identidade positiva com indivíduo surdo. Nesse sentido, para Woodward (2012, p. 17-18),

a representação é inclui práticas de significação e sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-se como sujeito. É por meio dos significados produzidos pela representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos [...] Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar [...].

A representação por meio da literatura surda re-significando o indivíduo surdo possibilita entrar em contato com as relações de poder entre surdos e ouvintes. Esse processo permite a identificação desses sujeitos com seus valores linguístico-culturais por meio da literatura e o reconhecimento das diferenças em relação aos ouvintes. Segundo Woodward (2012, p. 19), “[...] a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis [...]”.

A experiência estética com a literatura surda, possibilita ao surdo um espaço de significação e re-significação de seus próprios valores e, por meio desse processo, identificar-se com seus pares. Essa diferenciação entre surdo e ouvinte, assim como a valorização de ambas culturas, é fundamental no processo de formação da identidade do indivíduo surdo. A literatura surda, nesse contexto, é fortalecida como artefato construtor de identidade do surdo, pois em suas produções culturais, os valores linguístico-culturais que constituem a identidade do povo surdo (língua de sinais, experiências visuais, contato com a comunidade surda, dentre outros), estão associadas à construção de suas produções, de forma que, artefato literatura surda e desenvolvimento da identidade estão associados.

Para Woodward (2012, p. 16), “[...] a representação refere-se a sistemas simbólicos (textos ou imagens visuais, por exemplo) [...]. Esses sistemas produzem significados sobre o tipo de pessoa que utiliza um tal artefato, isto é, produzem identidades que lhe são associadas [...]”. Considerando esses argumentos, podemos aferir que a literatura surda tem uma função formadora no desenvolvimento da identidade do surdo.

Segundo Ngugi (1986), a cultura é elemento de dominação e também de libertação, pois a colonização ocorre por meio da cultura. Assim, a literatura é uma forma de descolonizar os valores ouvintistas e os preconceitos em relação ao sujeito surdo e pode ser compreendida como uma estratégia pedagógica de descolonização.

A pedagogia descolonizadora é compreendida por Walsh (2017), como uma forma de resistir a “pedagogia da crueldade” que nega, exclui, oprime o diferente. É um grito de libertação, resistência, empoderamento, transgredindo o silenciamento imposto pelo processo colonizador que aniquila o indivíduo e seus valores.

O contato com a literatura surda em sala de aula, permite ao aluno surdo, empoderar-se

dos valores linguístico-culturais do seu povo, desenvolvendo sua identidade por meio de um movimento de identificação com as representações da obra, porém, não basta somente ter contato, o professor precisa intervir de forma mediadora nesse processo. O aluno não realiza o processo descolonizador de valores ouvintistas de maneira solitária. O professor, nesse sentido, é fundamental criando estratégias de intervenção e problematização para que o surdo consiga significar e re-significar, encontrando-se a si mesmo e às diferenças por meio das produções literárias de sua comunidade.

Intervir com a literatura surda na sala de aula, por meio de estratégias diversas faz dessa ação uma pedagogia descolonizadora confrontando o aluno, tanto surdo como também ouvinte, com seus valores e diferenças. Proporciona a reflexão, fortalecimento e desenvolvimento de sua identidade, pois nessas produções encontramos os valores linguístico-culturais do povo surdo. Além disso, a literatura surda é uma forma de apresentar a resistência do povo surdo aos valores ouvintistas, portanto, ao apresentar essa produção ao aluno tanto surdo quanto ouvinte, o professor proporciona um espaço em seu ambiente educativo de questionamento de posturas excludentes e preconceituosas, tornando possível um movimento descolonizador de práticas que não valorizam e respeitam as diferenças.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Surda. Identidade. Pedagogia Descolonizadora.

## REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998, 394 p.
- BOSI, Alfredo. **Literatura de Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, 302 p.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016, 139 p.
- KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura Surda. **EDT. Educação Digital**, v. 7, n. 2, p. 98-109, jun/2006. Disponível em: <[www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/10162/ssoar-  
etd-2006-2-karnopp-literatura\\_surda.pdf?sequence=1](http://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/10162/ssoar-etd-2006-2-karnopp-literatura_surda.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 27/04/2020.
- KARNOPP, Lodenir Becker; ROSA, Fabiano. **Patinho Surdo**. Canoas: ULBRA, 2011, 28 p.
- LADD, Paddy. **Em Busca da Surdidade I** – colonização dos surdos. Trad. Mariani Martini. Lisboa: Surd'Universo, 2013, 173 p.
- MIGNOLO, Walter. Aesthesis Decolonial. In: GOMEZ, Pedro Paulo (org.); MIGNOLO, Walter; ACHINTE, Adolfo Albán; TLOSTANOVA, Madina. **Arte y estética en la encrucijada decolonial II**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014, p. 31-57.
- MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. Literatura surda: produções culturais de surdos em língua de sinais. In: KLEIN, Madalena; LAZZARIN, Márcia Lise (Org.). **Cultura Surda na contemporaneidade negociações, intercorrências e provocações**. Canoas/RS: Editora Ulbra, 2011, p. 55-71.
- NGUGI, Wa Thiong. **Decolonizing the Mind: the politics of language**. London: James Curriey, 1986, 128 p.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3ª edição. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013, 146 p.
- WALSH, Catherine. Gritos, grietas y siembras de vida: Entretejerer de lo pedagógico y lo

decolonial. In: **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir Tomo II. Quito-Ecuador: Ediciones Abya Yala, 2017, p. 17-49.

WOORDWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 12<sup>a</sup> edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012; p. 7-72.